

4 - Os adolescentes, os amigos e a escola

caleidoscópio de imagens sobre o 'eu'

Simone Gonçalves Assis
Joviana Quintes Avanci

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ASSIS, SG., and AVANCI, JQ. Os adolescentes, os amigos e a escola: caleidoscópio de imagens sobre o 'eu'. In: *Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection, pp. 129-159. ISBN 978-85-7541-333-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

OS ADOLESCENTES, OS AMIGOS E A ESCOLA: CALEIDOSCÓPIO DE IMAGENS SOBRE O 'EU'

4

OS JOVENS, OS AMIGOS E A ESCOLA

Se os outros são fonte de conhecimento, a recíproca é imediata. Também eu, qualquer que seja minha provisória posição social, qualquer que seja a sentença que a instituição escolar tenha pronunciado a meu respeito, também sou para os outros uma oportunidade de aprendizado.

(Lévy, 1999)

A convivência do adolescente com amigos e professores é fundamental para seu desenvolvimento. A criança aprende a conhecer o mundo extrafamiliar já possuindo comportamentos e formas de reação próprias, o que influenciará sua postura em relação às outras pessoas. Entretanto, o jovem recebe da escola informações ambíguas que vão além da mera transmissão de conhecimento acadêmico, percebendo, com maior agudez, que as pessoas podem ser estigmatizadas ou aceitas, valorizadas ou discriminadas, bem-sucedidas ou malsucedidas. Dependendo do seu suporte interno e das bases que estabelecer no mundo, o aluno tenderá mais para uma do que outra direção; dependendo da sua autoconfiança, perceberá que é suficientemente importante para estabelecer trocas com o mundo, aprendendo e ensinando nas relações que vier a empreender.

Rosenberg (1989) relacionou o maior sucesso nas relações interpessoais estabelecidas por adolescentes na escola como causa e consequência da auto-estima. O reforço ou depreciação que os jovens fazem

de si e percebem nos outros provavelmente atua como um estímulo ou desestímulo para a forma como ele se coloca na escola e entre amigos.

Notou-se ainda que adolescentes de baixa AE participam com menos frequência das atividades escolares e que também não possuem capacidade de liderança: por terem incerteza quanto a ser apreciado ou respeitado pelas demais pessoas; dificuldade em estabelecer uma opinião positiva sobre os outros; maior vulnerabilidade na relação com os pares, sendo mais facilmente atingidos pelas críticas, culpas ou xingamentos; maior dificuldade de iniciar contato com pessoas; propensão a achar que os outros não gostam dele, a ficar isolado e sozinho. Costumam ainda ter menos fé na natureza humana.

Como se poderá verificar ao longo do capítulo, há diferença substancial entre os adolescentes quanto à forma de encarar os amigos e a escola. Os alunos de elevada AE são os que se vêem mais positivamente em relação à competência escolar e em seus relacionamentos com amigos e professores. A dimensão da competência talvez seja a que mais explicita as diferenças entre os níveis de auto-estima.

Também diferem quanto ao sentimento que têm em relação à escola. Os alunos de elevada AE só utilizaram expressões positivas para defini-la, dando idéia de continuidade de uma relação prazerosa: 'tem sido bom na escola'; 'sempre me senti muito bem no colégio'; 'ela é ótima'. À medida que diminui o nível de AE algumas críticas começam a surgir, não apenas relacionadas a questões objetivas, como rigidez dos horários ou a monótona rotina, mas, principalmente, à falta de estímulo e ao ensino como uma obrigação. Compreender essas diferentes percepções é uma tarefa difícil. Pelo lado objetivo, a escola, especialmente a pública, tem sido alvo de muitas críticas devido à sua falta de capacidade de realmente incluir o jovem na sociedade, aprisionando sua possibilidade de expressão e impondo à criança rígidos modelos (Ferreira & Thompson, 2002). Pelo lado da subjetividade adolescente, até que ponto sua forma de ver o mundo o faz valorizar aspectos que outros consideram insignificantes ou sem importância? Até que limite o sentimento que o jovem tem de sua escola influencia na sua avaliação objetiva sobre ela? Muitas dessas perguntas colocadas neste capítulo certamente não serão respondidas.

Vários autores têm investigado a importância da escola em relação à auto-estima do jovem. Dois principais aspectos têm sido investigados: a competência acadêmica e o ambiente escolar.

COMPETÊNCIA NA ESCOLA

Destacando as relações significativas apontadas por diversas pesquisas, entre um alto nível de autoconceito e de auto-estima e um bom desempenho acadêmico, por um lado; e, por outro, um baixo nível de autoconceito e de auto-estima e fracasso escolar, esses autores sugerem que sucessivas experiências de fracasso escolar podem levar o aluno a ser perceber como menos capaz e menos aceito, não raramente levando a um sentimento de "desvalorização" para consigo mesmo – o que, por sua vez, aumenta a possibilidade de novos fracassos.
(Oliveira, 1994)

A competência do adolescente na escola é medida pela sociedade e percebida pelo jovem como sinônimo de notas elevadas e de aprovação para a série seguinte. Todos os alunos entrevistados na pesquisa concordaram quanto ao fato de que o ensino tem se tornado mais difícil à medida que chegam ao fim do Ensino Fundamental e se encaminham para o Médio. Invariavelmente se recordam com saudades do passado escolar e de seu desempenho anterior, certamente mais positivo do que o que possuíam no momento da entrevista (final do Ensino Fundamental e início do Médio).

Os jovens de baixa AE relataram 1,2 vezes mais defasagem série/idade que os de alta AE. No geral, 34,8% dos alunos de auto-estima mais depreciativa estão com atraso de pelo menos um ano em relação à série esperada para a idade, enquanto que no grupo de elevada AE esse percentual é de 28,8%. Esses elevados níveis preocupam porque o fracasso escolar pode se tornar "um sinal de patologia psíquica, no qual os diagnósticos são feitos pelos professores e aceitos pelas famílias. Produzem-se, assim, crianças marginalizadas e marcadas pelo sentimento de incompetência e de fracasso" (Ferreira & Thompson, 2002: 68).

A 'auto-avaliação escolar' dos alunos mostrou ser próxima ao grau de auto-estima que possuem. Os jovens que têm a auto-estima em 'nível elevado' se avaliaram como bons alunos, responsáveis e esforçados (alguns se dizem regulares), dando-se notas sempre superiores a sete (o único grupo em que notas 8 e 9 foram dadas nas entrevistas individuais). Dois alunos justificam porque não são 'nota dez': falta de assiduidade e porque 'é difícil ser dez em tudo'.

Os alunos de mediana AE se deram notas que oscilaram entre 6 e 8,5, argumentando que não são alunos 'exemplares'; que são 'mais ou menos' ou 'normais'. A auto-avaliação daqueles de baixa AE oscilou entre 5 e 6,5, descrevendo-se com os termos: 'regular', 'do meio', 'nem ótimo, nem pior', 'nem melhor, nem pior', 'desligado', 'que não presta atenção', 'que tira notas razoáveis', 'bom em algumas coisas e ruim em outras' (mas, continua: 'o ruim predomina'), 'legal, mas não muito', 'na medida certa', que 'tem que melhorar bastante', precisa se esforçar, e 'acha que consegue chegar nas metas'.

Apesar de os adolescentes de elevada AE demonstrarem capacidade de aprender, nem todos coadunam a capacidade que sentem com os resultados que obtêm, já que alguns deles ostentam repreensões, recuperações e repetências. Essas falhas se devem a duas principais razões: o comportamento em sala de aula e a perseverança no estudo ao longo dos anos.

Há vários jovens desse grupo com problemas de comportamento em sala de aula: fazem bagunça (especialmente os rapazes), conversam muito (freqüentemente as meninas) e recebem repreensões dos professores. Entretanto, há várias explicações que mostram os limites existentes nas atitudes desses jovens em sala. São usados argumentos e relativizações como: 'brinca mas sabe a hora de calar a boca'; 'é sapeca, mas nunca baderneiro'; 'fala muito em sala de aula, mas respeita os professores, não respondendo'; 'é sério entre aspas, porque brinca na sala, mas na época das provas estuda muito e pede ajuda aos colegas'.

A dificuldade de perseverar no estudo se explica devido ao 'relaxamento'. O futebol 'entrar na cabeça' é uma razão que justifica plenamente a perda de constância na aprendizagem formal para os meninos;

preocupações familiares, conflitos com amigos e namorados também são responsáveis por esses deslizes.

Para os jovens de baixa AE, há uma nítida insegurança de não saber se vão passar de ano, nem saber dizer como são como alunos. Vários sentimentos estão vinculados a essa angústia: nervosismo, ansiedade, medo, insegurança, dor, depressão, além de comportamentos como falta de assiduidade, ficar com 'trauma sem querer sair de casa' e doenças emocionais. O medo da reação dos familiares está por trás dessas reações decorrentes do fracasso escolar. A pressão, especialmente da mãe, se faz presente em vários casos, alguns deles superando em muito o cuidado protetor, demonstrando desconfiança em relação à competência do filho. Algumas vezes, a pressão se transforma em violência psicológica e física.

A certeza da 'competência acadêmica e esportiva' é um dado muito evidente nos jovens de elevada AE. Eles têm certeza de que são 'bons no que fazem'; são chamados de 'cê-dê-efes'; são aqueles que mesmo sem prestar atenção 'matam o problema'; são considerados 'bam-bam-bam' no esporte que escolheram praticar na escola; tiram 'nota boa em tudo'; ou ainda, são os 'melhores da sala' ou os 'primeiros da turma'. São alunos que costumam prestar atenção nas aulas e estudar para as provas. Alguns relataram facilidade em matemática, matéria considerada a mais difícil para a maioria dos todos os entrevistados; outros destacam que a firmeza que sentem decorre muito mais da autoconfiança do que das ações que praticam. Foi comum encontrarmos falas como 'se estudasse ia ser muito inteligente', 'se pegar pra estudar, aprendo'. Com o pouco que investem no aprendizado, obtêm o sucesso almejado. Além dessa visão tão segura, um grupo menor mostrou sua competência de forma diferente: embora tenham alguma dificuldade para aprender, os jovens têm convicção de que alcançam êxito devido ao esforço pessoal que investem no que desejam, 'correndo atrás do prejuízo'. Também relatam 1,2 vezes mais orgulho do que fazem na escola que os jovens de baixa AE.

A certeza da competência fica evidente no Quadro 16. Os alunos de baixa AE dizem duas vezes mais ter fraco desempenho e 1,4 vezes ter desempenho regular em matemática do que os de elevada AE. Matemática

foi a matéria relatada como a mais difícil entre os adolescentes, que comumente ficam em recuperação nesta disciplina. Agrupando aqueles que têm desempenho regular e fraco em matemática, percebe-se que 27,9% dos de elevada AE e 42,2% dos de baixa AE assim afirmam.

Quadro 16 – Distribuição percentual e razão de prevalência entre desempenho escolar em matemática no último ano e auto-estima de alunos das escolas públicas e particulares. São Gonçalo, 2002

ÓTIMO	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	123	24,5	89	20,9	100	15,8
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,0	-	1,0	-	1,0	-
BOM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	240	47,7	188	44,2	266	42,0
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,10 (1,00 - 1,21)	0,065	1,03 (0,92 - 1,15)	0,702	1,07 (0,97 - 1,19)	0,216
REGULAR	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	101	20,1	98	23,1	172	27,298
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,40 (1,18 - 1,66)	0,000	1,16 (0,95 - 1,42)	0,168	1,21 (1,02 - 1,42)	0,026
FRACO	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	39	7,8	50	11,8	95	15,0
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	2,02 (1,49 - 2,76)	0,000	1,49 (1,05 - 2,12)	0,033	1,35 (1,04 - 1,76)	0,027

O mesmo quadro surgiu em relação às notas finais de português (jovens de baixa AE relataram 2 vezes mais que os de elevada AE que elas foram regulares) e geografia e história (falaram 1,7 vezes mais que as notas são regulares e 2 vezes mais que são ruins). Também se notou que o gradiente de dificuldade nessas matérias alcança posição intermediária entre os que possuem mediana AE.

O sentimento de competência dos jovens de alta AE é acompanhado por uma avaliação crítica das situações em que se envolvem e do próprio comportamento. Um exemplo é o de um aluno que investe sua energia e tempo no time de futebol em que joga, agindo com muita responsabilidade nesta área. Avalia criticamente a si e ao seu time, que foi vice-campeão municipal no ano de 2001; critica sua falta de preparo físico e dos seus colegas em relação aos jogadores de outros clubes; queixa-se de treinarem apenas um dia na semana e não terem preparador físico. Esses fatores justificam a derrota, mas também a qualificam: perderam para 'um dos melhores times', diz com bom humor. Ele tenta não ficar muito convencido pelo título alcançado, mas se refere à conquista de modo orgulhoso e diz ser um bom jogador; procura manter os pés na realidade, avaliando suas limitações junto ao seu valor pessoal e o de seu grupo; informa saber perder; procura levantar a moral de seu time, mostrando a capacidade de conviver e crescer junto ao seu grupo.

Outro aluno é movido pelas vitórias que seu time obtém. Relatou, entusiasmado, vários episódios que foram essenciais para o seu grupo, fazendo muitos gols e ajudando a vencer o jogo. Entretanto, reflete muito quando é derrotado, inicialmente se culpa pela falha do time; divide-se entre pensar que deu o máximo por seu grupo e achar que não deu. Esse pensamento ambivalente o faz sofrer até 'reerguer a cabeça', decidindo que vai se esforçar para ser campeão em outra oportunidade. Tocar a 'bola para frente'. Começar a se organizar para alcançar essa possível vitória futura, tentando ganhar mais massa muscular e preparo físico para poder competir melhor. Analisa calculadamente o que errou, tentando acertar na próxima vez, não desistindo facilmente do que quer. Na segunda entrevista, este aluno chegou chateado porque perdeu uma partida de futebol e foi

expulso, após dar um soco em um jogador que tentou agredi-lo entrando, numa jogada com o cotovelo. Mesmo não estando bem no momento, argumentou que seu time vai ter chance de se recuperar, jogar de novo e ganhar, afinal, 'não dá para ganhar todas'.

Esta habilidade de se avaliar criticamente e de se recuperar diante das derrotas mostra a capacidade de resiliência desses adolescentes. Um aluno que se percebe querido tanto pelos professores quanto por seus colegas argumenta que alguns deles podem achá-lo 'muito antipático'. Logo após essa afirmação, racionalizou dizendo que 'nem Jesus agradou a todos'. Outro, logo após ter problemas com suas notas, tomou uma atitude: passou a se sentar na frente da sala para melhorar seu desempenho.

Também se constatou nos alunos desse grupo o monitoramento familiar, tanto na competência acadêmica como nas atividades esportivas. Há jovens que levam chinelada se tirarem nota menor que oito. Outros mencionam o estímulo dos pais que assistem aos jogos, torcendo e apoiando a melhorar na próxima tentativa. Um adolescente muito responsável e estudioso se queixa da elevada cobrança de sua mãe, que não quer autorizar a escola a deixá-lo jogar em alguns horários de aula, temendo que isso possa prejudicá-lo. Sente-se tão cobrado pela mãe que ameaça começar a tirar notas baixas caso ela não ceda um pouco em suas exigências.

Entre os alunos de mediana AE surgiu a noção de ser esforçado e não de ser inteligente ou excelente; de ser um aluno chato, que conversa e brinca muito; que não se lembra de nada; que não é bom nem ruim, que faz o suficiente para passar de ano, que é normal e que se esforça nos esportes.

Outra jovem mostra uma reação distinta. Fica em recuperação ('por meio ponto só') em várias matérias desde a 5ª série falando que é um momento 'horrrível'. Exemplifica que 'não é de estudar', 'não consegue estudar', 'não sabe estudar'. Se sente 'culpada, decepcionada e fracassada'. Porém, na fala seguinte, mostra uma relativização a essa visão tão negativa de si mesma, dizendo que 'em parte é fracassada', porque não consegue sua meta de passar direto nas matérias. Diz viver um dilema entre ter de prestar atenção nas aulas e estudar bastante e os resultados negativos que

obtém, mostrando que não consegue se fixar ao objetivo que se propõe; quer 'melhorar mais e logo se esquece'. Interessante apontar que essa jovem é a mesma que se julgou inicialmente excelente aluna e depois se considerou boa estudante.

Uma outra aluna que ficou em recuperação uma única vez, disse ter 'ficado arrasada', mas reagiu de forma oposta. Estudou muito para passar e vem conseguindo cumprir seu intento. Sua fala, ao saber que passou na recuperação, foi de não acreditar que tinha sido aprovada, demonstrando insegurança. Uma outra jovem que vem tirando notas mais baixas no último ano se mostra insegura quanto a passar de ano, pois tem dificuldade de prestar atenção, já que fica pensando nos problemas familiares que está enfrentando.

Na fala dos adolescentes de baixa AE sobressai o sentimento de incompetência. A tristeza perpassa a maioria das falas como resultado do fraco desempenho escolar. A comparação com outros jovens é inerente, perante a insegurança que sentem.

Os alunos do ensino público ilustraram sua atuação escolar enfatizando as dificuldades para passar em matemática, as reprovações, a alternância entre notas boas e baixas, a tristeza que sentem ao repetir o ano e a decepção que causam nos pais com seu insucesso escolar. A insegurança desses jovens é flagrante. Uma aluna não se posiciona nem responde as perguntas que lhe são feitas em sala de aula, pois teme falar errado na frente de todos. A razão para sua atitude está na lembrança de que uma amiga foi criticada pelos colegas em sala de aula, chorando muito. O receio de vivenciar uma situação similar faz com que essa aluna se recolha em seus medos, mesmo sabendo racionalmente que o que aconteceu com a colega não vai necessariamente acontecer com ela. Emocionalmente, nada abala o seu medo de fracassar. Outra adolescente comenta que antes pegava a matéria mais rápido até que se juntou a uma colega que brincava e conversava na aula. Ia 'na onda' da amiga porque senão essa colega pararia de falar com ela. Essa insegurança mostra como esses jovens atribuem como causa de seus fracassos situações vividas por outros, transpondo-as para suas vidas devido à insegurança que sentem.

Essa incerteza se manifesta na participação em sala de aula. No Quadro 17, pode-se verificar que alunos de baixa AE informam 1,5 vezes mais que participam de forma regular, perguntando, debatendo assuntos ou fazendo as atividades solicitadas em sala de aula. Também relataram três vezes mais uma participação ruim. No geral, 23,9% de elevada AE e 36% de baixa AE pouco participam (regular e ruim) das aulas.

Quadro 17 – Distribuição percentual e razão de prevalência entre participação em sala de aula no último ano e auto-estima de alunos das escolas públicas e particulares. São Gonçalo, 2002

ÓTIMO	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	204	41,0	131	31,6	164	26,2
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,0	-	1,0	-	1,0	-
BOM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	175	35,1	146	35,3	236	37,8
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,28 (1,12 – 1,46)	0,000	1,14 (0,98 – 1,33)	0,115	1,12 (0,97 – 1,29)	0,122
REGULAR	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	97	19,5	105	25,4	153	24,5
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,50 (1,23 – 1,83)	0,000	1,38 (1,11 – 1,72)	0,005	1,08 (0,90 – 1,30)	0,427
RUIM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	22	4,4	32	7,7	72	11,5
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	3,13 (2,02 – 4,87)	0,000	2,02 (1,22 – 3,34)	0,008	1,55 (1,08 – 2,24)	0,020

A mesma tendência foi verificada quanto à participação em grupos estudantis esportivos, artísticos ou grêmios. Adolescentes de baixa AE referem mais vezes que a participação é regular (1,6 vezes) e ruim (2,1 vezes) que os de elevada AE. Para todas as questões que avaliam a competência em sala de aula e na escola, constata-se um gradiente em que se reduz a capacidade à medida que decresce a auto-estima.

Nas entrevistas, a maior participação dos adolescentes de elevada AE também foi mencionada. Os adolescentes desse grupo apreciam estar em 'posição de destaque' entre seus pares. Alcançar momentos de evidência devido ao desempenho acadêmico surgiu como uma das experiências mais positivas na escola, exemplificadas nas falas: tirar 'dez em provão surpresa', 'receber medalha em frente de toda a escola', 'ser o primeiro da escola com dez'; 'ficar como destaque na página da Internet'. Os esportes e os prêmios escolares são os principais momentos em que relatam o prazer de estarem em evidência.

Foi comum informarem que gostam de sentir que todos os observam e que são o centro das atenções por alguns momentos. Apreciam que os amigos e pais os assistam jogar, os animem quando perdem e os elogiem quando ganham. Gostam da idéia de 'ser campeão' ou de 'ser o único da sala convidado a jogar em um time de clube e ter autorização para sair', sentindo-se super-heróis. Embora a situação os torne envaidecidos, o sentimento de vergonha também surge para poucos, não os impedindo de usufruírem prazerosamente dos momentos de sucesso: 'todo mundo bateu palma; eu estava querendo sair dali logo dali'.

A preocupação com os outros permeia a fala dos jovens de baixa AE. Tais jovens consideram bons os momentos em que conseguem ser o 'melhor do mundo', ser melhor que os outros, destacando-se assim do grupo de pares. As ressalvas que fazem permitem ver que ocupar posição de destaque traz em seu bojo sofrimentos e alegria. Um aluno comenta o orgulho quando é elogiado, mas lembra das dificuldades que vai enfrentar na vida e procura adquirir força. Outra comenta morrer de vergonha de falar porque as pessoas olham para ela. Jamais 'abre a boca' em sala de aula.

Tal qual os demais, os jovens de moderada AE também gostam de ocupar posições de destaque entre os seus pares, aproximando-se do perfil

do grupo de elevada AE. Todavia, a experiência de se destacar dos colegas, embora positiva, traz maior grau de conflito e insegurança, como o jovem que tirou nota dez e ficou 'sem graça lá no canto', pensando que tudo foi a 'maior sorte'; a garota que desfilou e ficou nervosa na apresentação com medo de errar e ser vaiada; ou ainda o aluno que ganhou medalha de prata no futebol e, na decisão por pênaltis, não quis bater, pois estava muito nervoso.

A 'satisfação com a própria capacidade' também é um diferencial entre os grupos de auto-estima. Alunos de baixa AE se deram nota menor que 5 para a capacidade de aprender com frequência 3,7 vezes maior que os de elevada AE. Notas entre 5 e 6,9 também foram mais relatadas pelos de auto-estima mais depreciativa (3 vezes maior). As notas 9 e 10 predominaram entre os de elevada AE (60% contra 38% dos de baixa AE).

Alunos de baixa AE também avaliaram sua capacidade de lidar com novas situações de forma mais depreciativa: deram para si mesmos notas inferiores a cinco com frequência 13 vezes maior que os de elevada AE. Aceitar ser avaliado por outras pessoas é também mais difícil para alunos de auto-estima mais depreciativa.

A 'responsabilidade pelos erros e insucessos' na escola também se distingue entre os alunos. Os de elevada AE são mais responsáveis por suas atitudes. Contudo, a responsabilidade pelo 'relaxamento ou descuido' não é vista como uma falha estruturante. Acreditam também no próprio potencial para superação dos problemas que estão passando ou podem vir a enfrentar. Entre os de baixa AE a atribuição de causalidade é mais externa. A 'culpa' por estar repetindo o ano ou tirando notas baixas é partilhada com os professores ruins, colegas bagunceiros ou com a qualidade do ensino oferecido pela escola que não é boa.

Os adolescentes de elevada AE utilizam uma estratégia eficaz para enfrentar as deficiências que sentem possuir. 'Optam por atividades em que podem se dar bem e serem competentes'. Um aluno que se considera 'perna de pau' no ataque prefere ser goleiro, pois nessa posição é considerado o melhor e nunca fica no banco. Também investem energia e

esforço para se dar bem nas atividades que escolhem. Um adolescente que gosta muito de tocar instrumento musical ficou dois anos tocando sozinho em seu quarto, pois tinha vergonha que os outros o ouvissem. Tocava 'mais ou menos'. Depois entrou em aula com professor. Se sentiu bem tocando, esforçando-se sempre para melhorar; teve época em que acordava cedo todo dia para ensaiar, apesar de detestar acordar cedo. Outra jovem de mediana AE ostenta comportamento semelhante; desistiu do vôlei, esporte em que é um 'fracasso', se conformando com as críticas que lhe são feitas, já que é muito baixinha para o esporte. Preferiu o futebol e se tornou artilheira.

Entre os alunos de baixa AE não se percebeu a presença de estratégias para reforçar os aspectos positivos que possuem, provavelmente porque esses jovens não têm firmeza de suas próprias qualidades e acreditam pouco em si. As falas privilegiam o sofrimento e a visão negativa da própria competência na escola, com afirmações que, freqüentemente, reiteram o fracasso ou dão abertura à dúvida. 'Tentar' melhorar as notas baixas; dizer que é capaz de passar de ano e 'fracassar'; conseguir aprender é 'meio impossível' e 'difícil'; sentir-se 'ameaçada' e 'incapaz' de acompanhar o ritmo da turma; considerar-se 'burra', pois estuda e na hora 'dá um branco'; pretender passar de ano, mas 'achar' que não vai; 'sempre' tirar nota baixa e não conseguir recuperar; se esforçar mas ficar 'nervosa' e dar 'tudo errado'; além de 'tentar' mudar, mas 'não conseguir'.

EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

Experiências escolares são fatores preditores de mudanças na autoestima dos estudantes. O ambiente escolar e o relacionamento dos alunos com os professores são fatores cruciais (Hoge, Smit & Hanson, 1990).

O clima escolar positivo relatado pelos alunos de elevada AE deve-se ao bom convívio com amigos, professores e outras personagens escolares. Várias experiências boas foram lembradas, além de algumas

outras negativas (desavenças, facções do tráfico, repreensões injustas repetição de ano). Um aluno recorda a humilhação que sentiu quando seu pai disse ter vergonha dele, por ele ter repetido o ano, mostrando o quanto a competência escolar interfere na harmonia familiar.

Os adolescentes de baixa AE têm menos prazer no espaço escolar: 45% se dizem aborrecidos na escola (23,5% entre os de elevada AE e 32,7% entre os de média AE). O impacto da pergunta sobre experiências positivas vividas na escola trouxe, inicialmente, uma reação de silêncio, caracterizando o esforço que faziam para se lembrar. Surgiram frases como: “acho que não tive experiência nenhuma que marcasse, que fosse muito feliz, acho que não” (Beatriz). Após a repetição da pergunta, alguns conseguiram trazer uma lembrança positiva voltada para um momento em que se destacaram entre os colegas, para festas e convívio com seus pares. Expressões como ‘não sabe’, ‘não lembra’ ou ‘não teve experiência positiva’ marcam este grupo.

As lembranças positivas trazidas por alguns alunos se referem à formatura, aos passeios da escola, à aquisição de notas melhores, comprovativas da competência pessoal. A referência aos outros é característica do grupo. Uma menina ‘virou artista’ no desfile escolar, quando todos a olharam e bateram palmas; outro jovem foi chamado pela primeira vez de ‘cê-dê-efe’ por ter tirado três vezes a nota 10, botando ‘na cara de todos que era capaz, o auge, o bom’. Com facilidade, sintetizaram toda a vida escolar em poucos momentos positivos. As freqüentes comparações contribuem para que esses jovens se sintam 2,3 vezes mais desencorajados na escola que os de elevada AE.

As experiências negativas mais relatadas pelos alunos desse grupo foram repetir o ano e ficar em recuperação. Sentiram-se tristes, burros, pior que os outros, fracos, muito ruins e horríveis. Um aluno diz que a situação de repetência foi a pior coisa que aconteceu em sua vida. Termos que indicam a perenidade da situação (‘sempre’ ruim) e estados consolidados de ser (‘ser’ incompetente) caracterizam esse grupo. Momentos de maus-tratos por algum professor (gritos e humilhações)

também foram mencionados. Nesse sentido, 79,3% dos adolescentes de baixa AE desejariam melhorar na escola mais do que efetivamente conseguem. Entre os de elevada AE, 62,4% também têm tal sonho, indicando que a maioria dos alunos sabe e quer ‘se dar melhor’ na instituição.

Embora relatos sobre desigualdade social tenham surgido de forma esparsa em jovens de todos os grupos de auto-estima, a ‘discriminação’ mostrou-se presente na fala dos alunos. A desigualdade social interfere no ambiente escolar seja no nível das relações interpessoais internas como também nas estabelecidas com a comunidade na qual a instituição está situada. Notou-se que as queixas de alunos do ensino público se direcionam à má opinião das pessoas sobre essas escolas. Um jovem relata que, por sua escola ficar perto de uma área de venda de drogas, é muito mal vista, embora ela ‘não tenha nada a ver com os conflitos da localidade’, pois hoje se ‘mata gente por todo o lado’. Notou-se uma fala ambígua por parte de alguns desses alunos, que por vezes se sentem inferiores.

Entre os alunos do ensino privado, percebeu-se que é muito comum a passagem por várias escolas, não apenas em função da mobilidade familiar, mas também em função da busca de escola mais barata ou em que o adolescente obtenha bolsa. Um aluno de escola particular destaca a desigualdade que sentiu quando um colega ‘riquinho’ olhou para ele de cara feia. Afirma que desejaria que essas pessoas se colocassem no nível das outras.

As seguintes falas mostram como a discriminação social está presente entre os entrevistados.

Me sinto bem, bem melhor [amigos com condição financeira privilegiada], porque lá não tem muito esse pessoalzinho de morro que tem muitos amigos, pessoalzinho que mora em favela, essas coisas. Aonde que eu moro tem esse pessoalzinho que mora perto, tem um morro atrás, mas, é um condomínio, mas, o pessoal que mora no morro, ele, aí tem uma rua, eles, têm a quadra, então o pessoal do morro invade a quadra pra jogar bola. Não tem relação

de amizade com eles, mas normal. Eu não gosto [dessas pessoas], meu primo, ele tinha alguns amigos. Uma vez, ele deixou o celular em cima do rack, aí, ia um monte de gente para a casa dele, entrava e saía do quarto dele, então roubaram o celular dele. E foi o faveladinho. Foi. Aí, não tem certeza, mas a certeza é que foi ele. (Bento)

Meus amigos vão lá perto da minha casa. Eles são todos playboys, só têm moto. Eu falo: nem ligo, um dia eu vou conseguir. Vocês só pensam nisso. Não pensam no dia de amanhã. (Benedito)

Às vezes você sai com o dinheiro da passagem, todo mundo tá com dinheiro, mas com os meus amigos eu não passo fome. (...) Me senti sem opção. Eu tô ali com eles, mas não posso fazer nada. Eu tô ali, tipo assim, eu sou uma criança que tá na responsabilidade de outras pessoas. (Anderson)

Apesar de essas falas transmitirem preconceitos arraigados, as respostas dos questionários mostraram realidade distinta, com elevados índices de bom relacionamento, distanciando escrita e voz. A maioria dos jovens considera haver bom relacionamento entre jovens de cor de pele diferente (92% dos jovens) e outra preferência sexual (75%). Alunos de baixa AE disseram quase duas vezes mais que os de elevada AE que o relacionamento com pessoas de outras classes sociais é regular (86,5% – elevada AE e 74,8% – baixa AE).

O RELACIONAMENTO COM OS PROFESSORES

O relacionamento firmado com os educadores é crucial para o estabelecimento de um bom clima na escola. Os adolescentes de baixa AE informaram 5,1 vezes mais que os de elevada AE que o relacionamento deles com os professores é ruim e 1,7 vezes mais que é regular (Quadro 18). Um total de 36,9% dos alunos tem relação regular/ruim com seus professores (21,5% – elevada AE).

Quadro 18 – Distribuição percentual e razão de prevalência entre relacionamento com professores e auto-estima de alunos das escolas públicas e particulares. São Gonçalo, 2002

BOM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	395	78,5	304	72,0	399	63,1
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,0	-	1,0	-	1,0	-
REGULAR	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	105	20,9	112	26,5	217	34,3
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,68 (1,37-2,05)	0,000	1,28 (1,02-1,62)	0,043	1,31 (1,08-1,58)	0,006
RUIM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	3	0,6	6	1,4	16	2,5
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	5,11 (1,50-17,42)	0,007	2,57 (0,65-10,19)	0,146	1,99 (0,79-5,03)	0,203

A competência relacional dos adolescentes de elevada AE fica explícita nos argumentos: facilidade dos alunos gostarem e se relacionarem com professores, diretores e colegas; capacidade de negociarem e pedirem desculpas quando errados; habilidade de serem gostados e bem tratados por todos na escola. São jovens que procuram sempre respeitar e ganhar respeito dos professores. Superlativos são recorrentes: ser ‘superamigo’ de todos (diretoria, colegas e professores) e ‘superbem’ tratado é uma visão própria do grupo. Mostram afeto pelos educadores, a ponto de um aluno comentar: “Meus professores são como minha segunda mãe aqui na escola, eu tento fazer com que eles sejam meus amigos e eu amigo

deles; é assim, a gente tem esse relacionamento como se fosse um lar mesmo" (Antônio).

A capacidade de brincar foi muito comentada como estratégia relacional positiva. Vêm-se brincalhões com professores e colegas, tentando assim estabelecer um bom relacionamento e levar na esportiva as dificuldades que encontram. Explicam que também são respeitosos, não ofendem nem discutem com os outros; brincam com deferência. Um outro aluno se vê como 'apascentador' dos conflitos que existem entre seus colegas, destacando-se assim como aquele que tenta ajudar amigos de ambos os lados e evitar que o pior aconteça.

Não se queixam de problemas com professores. Interessante notar que, embora surjam alguns comentários sobre o estilo diferenciado dos professores em lidar com os alunos, o argumento mais comum é que sabem adaptar-se aos diferentes estilos de professores. Um jovem comenta que, quando surgem os problemas na escola, o diálogo é logo utilizado, não colocando a 'carroça na frente dos bois' e nem 'empurrando com a barriga'. Constata, entretanto, que a escola 'dá uma prensa', chamando os alunos e analisando com eles as incorreções e as formas de superação. Ainda outro aluno afirma que fica meio triste quando é repreendido pelo professor por estar conversando, mas abaixa a cabeça e não discute, aceitando, assim, a repreensão.

O fato de se sentirem queridos pelos educadores e pela direção da escola foi corriqueiramente observado nesse grupo. Algumas críticas surgiram, especialmente com determinados educadores que falam demais, estimulam o aluno a revidar às críticas e que humilham os alunos, afetando suas emoções. Um aluno faz uma queixa dura a um professor que o expulsou de sala após uma discussão. O educador o comparou com alguém da escolinha do 'professor Raimundo', fazendo-o se sentir humilhado. O jovem retrucou dizendo que o professor é que deveria ser o professor Raimundo; foi até a direção reclamar desse professor, mostrando consciência de seus direitos e fazendo críticas claras à atuação da instituição e do professor. Outra forma de solucionar uma 'pequena discussãozinha' foi o pedido mútuo de desculpas (professor e aluno).

Percebe-se nesses jovens a maior facilidade na resolução das desavenças vivenciadas na escola.

A relação dos alunos de mediana AE com seus professores parece ser boa, com uma certa repetição de expressões que configuram incerteza como 'achar' e 'não saber' o que eles estão pensando dos estudantes. Expressões de amor e ódio a determinado professor são trazidas por uma aluna. Dividir os educadores entre aqueles preferidos e os demais foi resposta comum nesse grupo. Com aqueles que gostam mantêm diálogo (são aqueles que explicam muito bem, dão atenção e incentivam); daqueles que não gostam se afastam, chamando-os de ignorantes ('falam grosso'), que são pessoas que não dialogam com os alunos só se preocupando com a passagem do conteúdo acadêmico e impedindo o estabelecimento de um relacionamento. A idéia da alegria surgiu na fala de poucos jovens, que admitiram brincar com todos e aceitar que brinquem com eles. Estabelecem níveis de relacionamento: muito bom, bom ou ruim, havendo professores com que os alunos nem falam direito ou quando o fazem é apenas na sala de aula.

A essência da fala dos alunos de baixa AE sobre seus professores indica bom relacionamento com alguns e problemas com outros. A ambigüidade se faz presente na maioria das falas, com ênfase maior nos pontos negativos. Uma jovem define a relação com os professores como um 'relacionamento entre aspas'. Essas dificuldades de comunicação acabam resultando no afastamento entre docentes e discentes.

Também há observações de que o entrosamento professor e aluno é 'bacana', 'normal', de que 'não há nada a reclamar deles' ou de que 'têm muitos que gosto, converso, brinco'. Entretanto, no grupo como um todo, surgem explicações que relativizam essas afirmações. Embora sejam 'tratados iguais a qualquer aluno', os professores devem ficar 'no canto deles', são 'muito chatos'. Uma aluna explicita dizendo que não quer 'relacionamento 'grudento', paparicando professor só para ganhar nota'; 'que não falaria da vida com o professor nem dos problemas'; 'que não quer ser preferida por nenhum educador'. Outro aluno justifica que 'se relaciona bem mas não muito'. E ainda outro fala que 'até' se relaciona bem com os professores, mas 'nunca foi com a cara' de alguns, embora sempre os tenha cumprimentado.

Essa ambigüidade entre os professores que os adolescentes gostam e os que não gostam se faz presente todo o tempo. Uma jovem religiosa do ensino público ressaltou a dificuldade que tem por 'guardar' o sábado, servindo de alvo para as implicâncias de uma professora que a provocava jogando piadinhas. Embora não respondesse, foi relaxando nos estudos e quase ficou em recuperação.

Um aluno informa que um de seus professores o chamou de 'burro, maluco, que nunca ia passar de ano'. Esse aluno queixou-se à coordenação, que não tomou providência alguma. O professor sumiu uns dias e depois voltou. Esse aluno teve ódio do professor, quis jogar pedra no carro dele. Nunca mais o professor falou nada com ele. A sensação de que os professores fazem os adolescentes sentir que não são bons sobressaiu entre os de baixa AE, que assim informam 1,4 mais vezes, indicando maior dependência da opinião alheia.

A 'visão que os professores têm dos estudantes', inferida pela ótica dos próprios adolescentes, também se diferencia segundo o nível de auto-estima. Aqueles de elevada AE consideram que seus professores e diretores reconhecem sua competência acadêmica. São vistos como legais, divertidos, 'uma benção', até mesmo 'puxando o saco' de um aluno. Os jovens se dizem elogiados e reconhecidos pelo esforço que fazem.

Entre os alunos de mediana AE a visão dos professores sobre eles é referida através de expressões como 'esforçados', 'mais ou menos', 'regulares', 'que batalham e conseguem o que querem', 'bons, mas não ótimos'. Um jovem diz ser invisível para os educadores; outro diz que são todos iguais, mas complementa se achando 'um dentre 30 na sala de aula', aparentemente diluindo sua presença entre os colegas. Os motivos pelos quais os professores gostam dos alunos são díspares: não recebem advertência, não são chamados à direção, não respondem aos professores, ficam quietos, fazem os deveres de casa, não faltam no dia da prova. Apenas um jovem disse nada saber informar sobre uma visão positiva dos professores a seu respeito.

Entre adolescentes de baixa AE o estigma da incompetência é introjetado à medida que os professores não ligam para os alunos que

não se distinguem dos demais e são considerados medianamente capazes ou inteligentes, refletindo como esses adolescentes se percebem e se auto referem.

Uma menina argumenta que não tem nem idéia do que os professores pensam dela: é quieta, não se misturando com a turma, não indo para trás onde ficam os bagunceiros e não falando muito na sala. Complementa dizendo que 'é só isso!' Sua pretensa invisibilidade está justificada pela posição acadêmica mediana e pelo apagamento de sua presença física em sala; sua incerteza é tamanha que termina afirmando não saber se eles estão realmente pensando dessa forma: 'só perguntando a eles' a pesquisadora poderia saber a resposta correta.

A idéia de que estando no meio dos colegas é mais fácil de se esconder perpassa a fala de muitos jovens, que acham que, quando se é notado, os professores passam a 'ficar no pé', que é a última coisa que desejam, pois desse modo estariam enfocando os insucessos que têm. Apenas um jovem desse grupo afirmou que seus educadores gostam dele, complementando, logo em seguida, que eles conhecem e gostam de sua mãe; desse modo deixou implícito que o que o distingue dos demais é a figura de sua mãe e não suas próprias qualidades.

O JOVEM E A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Sofrer violência na escola é muito freqüente entre os entrevistados: 53,1% entre alunos de elevada AE e 64,3% entre os de baixa AE (Quadro 19). Cerca de 6% dos jovens tiveram contato com pessoas que portavam armas de fogo na escola, 28% tiveram seus objetos pessoais furtados e 3% roubados.

Os jovens de baixa AE foram, no último ano, mais humilhados, ameaçados, agredidos, a ponto de precisarem ir ao médico e se queixarem mais que seus objetos pessoais foram danificados na escola. A maior freqüência de humilhações e ameaças indica um lugar de maior fragilidade perante os colegas.

Quadro 19 – Distribuição percentual e razão de prevalência entre violência na escola e auto-estima de alunos das escolas públicas e particulares. São Gonçalo, 2002

	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
NÃO	229	46,9	183	44,4	218	35,7
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,0	-	1,0	-	1,0	-
	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
259	53,1	229	55,6	392	64,3	
ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA		
RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	
1,21 (1,09 – 1,34)	0,000	1,05 (0,93 – 1,18)	0,493	1,16 (1,04 – 1,28)	0,006	

Jovens do município do Rio de Janeiro (Minayo et al., 1999) também enfatizam a presença em suas escolas de agressões verbais, físicas e sexuais, bem como a utilização ou venda de drogas. As ameaças e discussões envolvem, em primeiro lugar, os colegas de colégio e os professores. As agressões físicas e o uso de drogas ocorrem, na quase totalidade dos casos, na relação com os colegas. As agressões sexuais e a venda de drogas envolvem colegas, funcionários e pessoas externas à escola. Na maioria dos relatos, os jovens se disseram apenas observadores ou vítimas, poucos deles se declararam agressores. Esses dados ratificam como a violência social está próxima à vida dos jovens na escola, independente do estrato social.

A instituição escolar tem muita dificuldade para definir seu papel frente à violência social. Apesar do conhecimento sobre os preceitos do Estatuto da Criança e do Adolescente ter se ampliado nos últimos anos, seu cumprimento não se dá diante das situações de violência contra o adolescente devido a muitos motivos, entre eles a falta de preparo e, por vezes, de compromisso social.

Inversamente, nas entrevistas, o tema da violência na escola foi enfatizado por poucos alunos. Foram mencionadas 'briga de bondes entre colegas', onde socos são comuns, respaldados no *ethos* da masculinidade presente na concepção desses garotos: 'todo mundo idolatrando o vencedor e zoando de quem apanhou'. A presença do tráfico de drogas perto da escola foi crítica comum.

Também surgiram as implicâncias e brincadeiras jocosas e agressivas entre colegas, diminuindo-os, chamando-os de indisciplinados e fofoqueiros, bem como os desprezando. O sentimento de rejeição assim como o de ódio também foi considerado uma forma de violência.

O RELACIONAMENTO COM AMIGOS E COLEGAS

Todos os jovens de elevada AE relatam ter uma excelente convivência com os amigos. Conhecem muita gente, têm facilidade em estabelecer amizades e saem muito com os colegas. Os amigos lhe tratam bem e demonstram gostar deles. A certeza quanto a facilidade em fazer amigos é marca desse grupo: "A pessoa sabendo que é querido (...) tem que se sentir bem para o resto da vida" (Antônio).

A gente se mudou [para outro município], mas ninguém esqueceu de você. Eu sei que eu deixei minha semente lá. (...) Verdadeiros amigos lá, eu acho que eu sou uma pessoa de sorte porque tem pessoa que fala: 'é difícil de achar um amigo'. Eu não sei se eu sou muito legal (...) Eu arrumo, amigo eu tenho muitos mesmo, tem pessoas que só têm, só tem um amigo. Eu tenho vários, eu tenho vários amigos. (Anderson)

Os adolescentes de elevada AE são os que mais dizem possuir amigos e amigas da própria idade (77,6% contra 65,7% entre alunos de baixa AE). O apoio social com os amigos é bastante fortalecido, sentem-se acolhidos e podem ter a ajuda e o apoio deles quando precisarem. Valorizam a união, o respeito, a solidariedade e o afeto nas relações de amizade.

O relacionamento entre eles parece bastante intenso, 'como uma família', 'como se fossem irmãos', onde não há brigas nem discussões.

Com os amigos, os entrevistados se sentem 'dez', à vontade. Frequentemente, conversam e saem juntos. A facilidade em se relacionar com os amigos é uma característica marcante desse grupo. O mal entendido é resolvido através do diálogo; a troca de conselhos é recorrente; predomina o ambiente de brincadeiras, diversão e lazer.

No Quadro 20 nota-se como o relacionamento entre amigos foi considerado bom pela maioria dos jovens, com valores oscilando entre 87,8% entre alunos de baixa AE e 94,9% entre os com esse atributo mais presente e elevado. Todavia, os primeiros disseram 2,3 vezes mais que esse relacionamento é regular que os últimos.

Quadro 20 – Distribuição percentual e razão de prevalência entre o relacionamento com amigos (as) e auto-estima de alunos das escolas públicas e particulares. São Gonçalo, 2002

BOM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	481	94,9	394	92,3	562	87,8
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	1,0	-	1,0	-	1,0	-
REGULAR	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	25	4,9	33	7,7	73	11,4
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	2,33 (1,50 - 3,61)	0,000	1,56 (0,95 - 2,59)	0,105	1,49 (1,00 - 2,20)	0,057
RUIM	ALTA AE		MÉDIA AE		BAIXA AE	
	N	%	N	%	N	%
	1	0,2	0	0,0	5	0,8
	ALTA X BAIXA		ALTA X MÉDIA		MÉDIA X BAIXA	
	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor	RP (IC 95%)	p-valor
	4,25 (0,50-36,26)	0,151	inválido	-	inválido	-

A identificação dos alunos de elevada AE com o grupo é intensa. Um jovem comenta que quando, está com os amigos, quer fazer o mesmo que eles. Tal comportamento é motivo de preocupação para algumas mães, que procuram cercear as saídas e controlar os horários, tentando interferir na ida a determinados lugares.

Normas sociais parecem introjetadas por alguns dos jovens desse grupo. Falas sobre não se envolver em 'parada errada' são mencionadas, mas há também um menino que relata comportamentos transgressores. Em geral, valorizam o respeito, a união, sempre tentam fazer o melhor, impõem limites às brincadeiras e acreditam que os amigos têm uma visão positiva deles, já que os elogiam e demonstram valorizá-los. Relatam ter o apoio dos amigos nos momentos difíceis, da mesma forma que também gostam de ajudá-los. Alguns se dizem conselheiros ou protetores dos amigos – 'por ser o mais velho e grandão, eu tomo a dor deles' –, indicando um comportamento de liderança no grupo.

Um sério problema considerado na relação entre colegas é a fofoca. Surge com força na fala de todos os jovens, mostrando o quanto a necessidade de estabelecer relações de confiança no espaço extradoméstico se torna fundamental nessa fase da vida, podendo ter repercussões em todo o seu decorrer. Achar 'divertido falar mal dos outros' é aceito quando esse outro não faz parte do círculo mais próximo de amizade. Os jovens reproduzem entre si os mecanismos de inclusão e exclusão que a sociedade tem competentemente lhes ensinado.

A competição também permeia os relacionamentos. A onipotência e a vontade de alguns jovens em se sobrepor aos amigos é flagrante. A discriminação social divide dois mundos, mesmo que em um mesmo espaço social. Apenas um aluno de elevada AE faz restrições em relação aos amigos: conhece bastante gente, mas confia apenas em dois. Tal relacionamento com os amigos dos alunos de baixa AE é mais restrito e com pouco envolvimento afetivo: 'nada demais; 'ficar grudado, enjoa'. Parecem conversar a respeito de assuntos mais superficiais, questões mais profundas só com quem confiam. Alguns dizem se divertir com os amigos, mas poucos saem juntos, o que revela a falta de entrosamento. Os amigos de infância

ganham notoriedade, talvez mais pelo saudosismo do que por um vínculo mantido desde então.

Esses jovens de baixa AE são marcados por uma dificuldade em estabelecer vínculos com um grupo social maior. Grande parte deles tem poucos amigos, sentem-se inferiores e desejam ter comportamentos similares aos seus pares. Neste cenário, o sentimento de exclusão é recorrente, especialmente em função de esses adolescentes se sentirem impedidos de saírem com os colegas. Uma jovem, cujo pai a impedia de ter uma vida normal de adolescente, comenta: 'queria tanto fazer isso, que minha amiga pode. Por que eu não posso fazer?'. Outro reflete sobre a visão dos seus amigos sobre si e sua mãe, sentindo-se inferiorizado: "eu fico triste em pensar, porque que eu não posso sair e eles podem? Mas também do mesmo jeito que eu fico triste pensando isso dela eu fico triste dos meus amigos falando. Falando assim dela [mãe]. Aí eu fico pensando" (Bruno).

Ostentam menor protagonismo nas relações com os colegas, quando comparados aos de elevada AE: falam quase 2 vezes mais que pouco contribuem para o diálogo com os amigos; dizem 5 vezes mais que não ajudam nada para que esse diálogo exista; referem 2 vezes mais que pouco contribuem e 3,3 vezes mais que nada ajudam para o espírito de grupo; comentam quase 2 vezes mais que ajudam pouco e quase 3 vezes que nada ajudam para a existência de respeito entre amigos.

A maioria desses jovens reconhece poucos amigos, às vezes muitos colegas. Eles fazem uma seleção criteriosa dos amigos que podem fazer parte do seu convívio: uns observam quem são respeitosos e confiáveis, outros são atentos às atitudes lícitas, comportadas e introvertidas, e outros preferem ter amigos com boa condição financeira: "o pessoal daqui é tudo chatinho, povinho chato [...] Sempre tive uma relação com esse pessoal que tem dinheiro" (Bento).

Uma jovem prefere não ter vínculos de amizade com quem tem bom desempenho na escola, já que essas pessoas reparam apenas os defeitos e ficam se gabando e criticando as outras. Essa questão reflete como as pessoas de baixa AE vivem numa constante avaliação de si, a partir das pessoas que estão próximas do seu convívio. Crêem sempre que estão numa

posição inferior, o que as afasta ainda mais das pessoas e as deixam ameaçadas e angustiadas.

Jovens de baixa AE disseram quase 3 vezes mais que os de elevada AE que seus amigos os aceitam pouco e 2,8 vezes mais que eles não gostam do jeito que são. Ainda afirmam com maior frequência não saber a opinião dos amigos, denotando novamente a insegurança que têm em serem vistos aos olhos dos outros. Estes jovens sentem-se criticados pelos amigos. Citam inúmeras traições, acusações injustas e discussões em função de idéias divergentes. A dificuldade na relação com os amigos é explicitada por um jovem que é taxativo em dizer que não acredita nos amigos, que eles são falsos, tratam-no bem pela frente, mas por trás falam mal de sua pessoa. Só conversa com eles nas horas vagas e conta que um de seus melhores amigos 'ficou' com uma menina que gostava, ele sentiu-se traído.

Apesar de tudo, muitos desses jovens dizem se sentir melhor com os amigos do que em casa, ambiente que os sufocam emocionalmente. Com os amigos, eles se descrevem mais animados, alegres, bem, à vontade e extrovertidos – 'só em conversar é legal' –, mesmo existindo algum grau de desconfiança. Tal sentimento está baseado na dúvida de serem amados e aceitos, bem como na timidez e insegurança.

Eu sou muito quieta. Eu não confio assim. (...) Eu tenho poucos amigos. Eu sou muito difícil para ter amizade. Eu sou muito tímida, muito, aí na hora de arrumar amizade, eu não vou, fico com vergonha. Tem as minhas colegas, tem os colegas das minhas colegas, aí eu fico conversando assim, aí torna uma amizade. Mas negócio assim, de sozinha você arrumar amizade, nunca arrumei, não, eu sou muito tímida, (...) Tem hora que eu me sinto sozinha, tá todo mundo junto assim, aí eu vou saio devagarinho, fico sozinha, só olhando assim. Aí quando eles percebem, que, as minhas colegas me conhecem, não é?! Que eu sou toda assim, aí, me conhece, vem para cá, fica aqui! Eu vou devagarinho, aí depois saio, vou disfarçando. Sei lá! Tem hora que eu fico ali, tem hora que eu não me sinto bem, ali no meio, aí eu saio, assim! (Bárbara)

Entre os alunos de mediana AE a relação com os amigos também é prazerosa, embora menos intensa que no grupo de alunos de elevada AE.

A maioria reconhece muitos colegas, mas poucos amigos (afirmam não terem amigos quase 9 vezes mais que os de elevada AE).

Sob um prisma de contentamento, todos eles comentam viver rodeados de amigos, onde o clima de brincadeiras, divertimentos e conversas descontraídas impera. Há um sentimento afetivo e respeitoso com os colegas, afirmam gostar deles, viver momentos agradáveis juntos e poder contar com o apoio deles quando precisar. As amizades são constituídas em vários lugares, na comunidade, na igreja, nas escolas onde estudaram. Algumas amizades são de infância e outras mais recentes. Sentimentos nostálgicos e depreciativos surgem, tais como ter rompido amizades importantes ao se mudar de Estado, falta de incentivo dos colegas, postura de superioridade e desprezo de alguns, implicâncias, desentendimentos e críticas.

Uma outra forma de aferir o relacionamento dos adolescentes com seus pares foi através dos 'momentos bons e ruins' vividos entre eles. Com os jovens de elevada AE, os bons momentos referem-se à proteção dos amigos, à troca de idéias sobre os namoros e ao apoio nos momentos difíceis. A maioria dos jovens desse grupo não se recorda de momentos ruins com os colegas.

Dentre os alunos de baixa AE são várias as experiências em que se sentiram mal diante dos amigos: falsidade de amigo, acusação injusta e traição, brigas ('sempre estou brigando'; levar 'bronca' de professores na frente de colegas). Como experiências em que se sentiram bem diante dos amigos surgem os aniversários, passeios, a participação na pesquisa ('quando se sentiu importante e gloriosa') e os elogios dos amigos. É importante perceber que essas experiências são situações em que o jovem se destaca positivamente ou se sente incluído e aceito pelo grupo de amigos.

O relacionamento com 'namorados e namoradas' também foi tema abordado pelos jovens. À medida que decresce a auto-estima aumentam os conflitos. Hesitações, insegurança, tristeza por não ser amada pelo ex-namorado, pensar muito e acabar não namorando, são exemplos das dificuldades relatadas. Uma jovem de baixa AE comenta que não se envolve para não sofrer.

COMO O ADOLESCENTE É VISTO PELOS AMIGOS

De maneira geral, os jovens de elevada AE dizem que são vistos positivamente pelos amigos, o que é motivo de grande bem-estar. Sentem-se amados e queridos por todos, não havendo raiva nem ódio. Eles são valorizados pelo amadurecimento psicológico e pelo comportamento amigável; os amigos são legais, 'maneiros' e 'show de bola'. Eles reconhecem suas habilidades ('cara! você é muito bom!') e apostam no jovem. As qualidades reconhecidas pelos amigos são seguramente aceitas pelos jovens, confirmando o próprio valor:

É muito importante, assim, quando falam bem de mim eu me sinto (...). Com uma satisfação enorme. Mas, quando falam mal também, eu entrego para Deus. Eu falo assim: ' - Senhor tu me conheces. Como aquela pessoa está falando mal de mim, tu sabes que não é verdade'. Eu entrego para Deus e deixo rolar. Porque se não é verdade, eu não tenho que me preocupar com aquilo que a pessoa está falando. (Ana)

Os jovens comentam que os amigos que os criticam não os conhecem bem, já que não têm uma visão congruente com a que eles têm de si mesmos. Sob esse aspecto, rejeitam serem reconhecidos como 'marrentos', 'escrotos', 'criança', 'idiota', 'bobão' e 'chato'. Uns tentam mostrar que o julgamento recebido é errôneo, outros sobrepõem características pessoais não encontradas nas pessoas que o criticam e ainda outros optam por se afastar de quem os critica.

Alguns adolescentes tiveram dificuldades em reconhecer a maneira como são vistos pelos amigos, entretanto se destacam pela riqueza de aspectos relacionais que trazem em suas falas. Um deles aponta a importância da identificação com o grupo nessa fase do desenvolvimento. Ele, visto como cê-dê-efe, relata o prazer de ter levado advertência na escola, ocasião em que teve comportamento semelhante aos seus colegas:

Cheguei na coordenação e me deram advertência. Aí eu fui para aula e todo mundo já sabia. O pessoal ficava até zoando: 'Que lindo? Você? Tirando do inspetor, advertência? Você agora é do

bonde dos que não querem nada? É engraçado, antes não falavam que eu sou do bonde que não quer nada, que deixei de ser cê-dê-efe (...)
É legal. (Alberto)

A igualdade na aparência física, valorizada socialmente, também foi comentada como fator que facilita a aceitação pelos amigos, fortalece a identidade social de alguns; porém, discrimina e exclui aqueles que não conseguem essa semelhança. Dentre os alunos de média AE as visões se alternam mais, com alguns relatando dificuldade em saber o que os amigos pensam a seu respeito. Algumas vezes, os alunos reconhecem ser vistos positivamente, entretanto não coadunam com este pensamento, como é o caso de Maria que é vista como estudiosa, mas se vê como uma aluna razoável. Sob um aspecto pejorativo, trazem vários adjetivos negativos e relatam desprazer na visão que os amigos têm deles.

Todos os jovens de baixa AE apontam uma grande dificuldade em se descrever mediante os olhos dos amigos. É flagrante a incerteza de serem queridos por eles; usam as seguintes expressões para se referirem a esse sentimento: 'acham' que gostam de si, 'acham' que confiam nele e que 'devem' gostar de si.

Recordam situações delicadas de momentos em que foram maltratados pelos amigos, separações e divulgação de segredos. Embora a maioria dos jovens diga não se importar com as críticas de seus amigos, é notório o sentimento de tristeza em suas falas. Características positivas também são vistas pelos amigos, entretanto parecem não ter peso mediante o sentimento de si, mesmo pejorativo. Com menor intensidade, alunos de baixa AE são vistos como legais, carinhosos, descontraídos, brincalhões e amigos. É interessante notar que algumas características, reconhecidamente positivas, ganham uma conotação negativa aos olhos desses jovens. Parecem sofrer mais com o preconceito social e a exclusão dos amigos que os demais: "De mim? Esse cara é bom! Vou ficar perto dele. Esse cara é inteligente! (...) Aí falavam com medo (...) Eu senti que eles tinham medo de falar comigo. Como que era? Eles só falavam que eu era o bom, só" (Benedito).

Aquela pessoa cê-dê-efe, só tira nota boa. Eles preferem se afastar assim: 'Aquela pessoa ali é metida! Nojentinha! Só porque tira nota melhor do que a dos outros, quer ficar se gabando'. Então, eu prefiro ficar assim. Tirar a média. Tirar uma nota a mais. Mas não ficar aquela excelente nota. (Beatriz)

Neste capítulo, verifica-se o caleidoscópio de olhares sobre o jovem e dele sobre seus pais e o mundo que o cerca. Do cruzamento de tantas percepções e representações, cada jovem constrói a si e a sua maneira de estar no mundo. A sociedade, as instituições e os adultos precisam atentar para a importância de cada instante vivido durante o período de formação infanto-juvenil.